Entrevista com a Kátia

[00:00:06] Entrevistador:
Então, Dona Kátia, a primeira pergunta é como surgiu a ideia de buscar parcerias em comunidades e quais foram os principais desafios com a primeira comunidade? O primeiro jeito, né, de fazer que foi ali no mosqueiro? O que foi esse primeiro contato de vocês, né?

[00:00:23] Kátia:
Então, eu comecei a fazer acessórios de moda sempre usando materiais sustentáveis, né? Eu trabalhava já com papel, com algodão. E um dia um amigo, conversando com um amigo, ele falou que ia acontecer uma feira de tecnologias sociais na UEPA. E eu fui. Chegando lá, eu conheci esse grupo, o grupo de mosqueiro do assentamento Paulo Fonteles, que trabalhava com um projeto chamado Encalchado Vegetais da Amazônia. Eles eram parceiros dele. Toda a tecnologia, né, a parte de inovação, de pesquisa, era deles. E eu comecei a ir pra lá. Eu ia, passava um quilómetro de semana, dois dias, levava açaí, a gente ficava lá. E eu comecei a testar, né, comecei a testar em madeira, não conhecia o látex, né, em vários suportes. Até que eu testei no fio e funcionou. Eles, inclusive, já faziam no fio, um fio mais grosso, eles faziam uma alcinha nos porta-garrafas, porta-vinhos, mas não era um produto deles, entendeu? Era um subproduto que eles resolveram fazer uma alça. Então, aí eu comecei a comprar fios dessa comunidade, sem entender o processo, sem entender a tecnologia. Eram meus parceiros comerciais. Eu ia lá, encomendava tantos metros de fio, de tal cor, levava o fio, levava a tinta que eu queria, né, o que o diretor queria, e eles me entregavam. Eu não tinha nenhum vínculo de construção de comunidade. A comunidade já estava construída a partir de um outro projeto, de uma outra ideia. Só que, dois anos depois, eles foram abandonados pelo projeto. Eles ficaram sem os aditivos, né? Inclusive, lá tinha um outro formato, era secreto, diferente daqui, que era à sua disposição, as meninas sabem. Então, eles levavam os

potinhos já para as medidas certas, sem rotas, sem nada. E aí, fazer o passo a passo lá tinha que ser feito, tinha que ser cozido e tal, enfim. E aí, eu fiquei a ver navios, porque eu já tinha lançado uma coleção, a primeira coleção a ser mais importante. E aí, a gente fez a primeira máquina. Tinha um amigo que não tem nenhum curso, nenhuma formação acadêmica, mas ele é bem engenhoso. A gente fez a primeira máquina de fazer fios dentro do ateliê, só com sucata, com motor de furadeira, com ventilador, entendeu? Eu sabia muito do princípio, né? Que o látex precisa pegar calor. Só que eu não sabia que tinha nenhum outro produto ali dentro. Então, fiz milhares de fios e joguei fora. Então, as coisas foram acontecendo assim. E, nesse processo, eu descobri essa comunidade aqui, há sete anos. E aí, eu vim, cheguei aqui. Fazia 20 anos que eles não coletavam látex, porque quando houve a decadência da borracha né, e veio decadência da borracha, porque não tinha para quem vender. Eles não vendiam látex, eles vendiam borracha, que eles tinham as bolas para... Então, eu estou falando disso, que era um outro processo. E aí, eu conversei com o senhor, Manoel. Então eu disse, eu estou começando. Porque eu já fazia fio, mas não sei o processo, se o senhor confiar em mim, eu vou começar a comprar pequenas, em poucos litros, pouca quantidade, eu vou levar o conhecimento de quem entende, né? Foi quando a gente entrou numa parceria com a UNB, e aí eles nos ajudaram lá, a desenvolver os nossos próprios aditivos, e logo em seguida veio um recurso, o PPA, e aí a gente conseguiu fazer essa máquina de fazer tecido. Foi isso. Depois eu fiz um outro formato, um pouco melhorado dessa máquina, mas mesmo assim não funcionou. Então, foi desse jeito. Foi numa feira de tecnologias sociais, e aí eu fui procurando depois a comunidade do Seringal, que é a primeira comunidade que fiz essa conexão, né? Essa conexão de envolver pessoas, de impactar pessoas, e a gente entendeu que a gente era um negócio de impacto social e ambiental no caminho, a gente não disse vai ser, entendeu? A vida foi levando, as angústias mesmo de você melhorar foram nos levando, então efetivamente a primeira comunidade que a gente fechou foi essa, e agora a gente tá trabalhando com a comunidade lá da Flecheira, que a gente tá reconstruindo esse mesmo formato que a gente acredita, de transparência, de contar histórias, de dar luz a

esses territórios.

[00:05:09] Entrevistador:
Como foi que a senhora chegou aqui? Porque a Tainá chegou a falar que vocês mapearam alguns lugares que tinham, né?

[00:05:15] Kátia:
Isso, é porque eu também fui um amigo, um amigo que me indicou, um amigo que também vinha muito a Cotijuba, não só me indicou, como me trouxe aqui.

[00:05:25] Entrevistador:
A senhora não tinha nenhum contato, assim?

[00:05:27] Kátia:
Não, não. Ele disse a senhora sabes que em Cotijuba também tem um histórico de seringueiras, aí eu sei da borracha, tu queres conhecer, eu conheço lá um território, então aí ele me trouxe aqui, e foi a primeira família que eu conectei, e a única que realmente preservou o Seringal, porque aqui existiam 5 mil pés de seringueiras, né? Então, as famílias restantes, depois que houve a decadência, que eles deixaram de comprar, o que eles compravam era, era, né? Sistema, era Vitar, né? Essas que terceirizaram a borracha para fazer pneus. E quando eles foram abandonados nesse projeto, quando eles ficaram, e aí as outras famílias foram devastando esse Seringal, e essa família foi a única que preservou. Eu achei essa história bonita, eu achei essa história importante, que não tinha...

[00:06:19] Entrevistador:
Ninguém mais aqui na ilha coleta?

[00:06:21] Kátia:
Não. Não. Não que eu saiba, né? Agora, tem muita seringueira, é aqui em Cotijuba, tem muita seringueira nessas duas ilhas aí de frente, que é essas ilhas

que a gente passa no meio delas para chegar aqui, né? Então, é uma região de muita erva brasiliense, desse território aqui, esse era o espaço que tinha experiência, história com a seringueira.

[00:06:50] Entrevistador:
Deixa eu te perguntar, como a senhora falou, vocês poderiam comprar o látex, até mais barato, de outros lugares e tudo mais. A nossa pergunta é, o que motivou vocês a virem aqui para dentro da ilha, desenvolver desde o início essa relação ali de parceria e produzir junto com eles, né? Porque pelo que a gente vê, a senhora podia ter ficado em Belém, ter outras possibilidades de ter se desenvolvido nesse trabalho, né? De uma maneira mais, vamos dizer assim, menos lenta, menos...

[00:07:24] Kátia:
É, inclusive os investidores, até dessa máquina aí, e outras pessoas, eles dizem que a gente é burro, porque eu poderia ficar com essa máquina lá em Belém, eu só comprava o látex para pagar uns salários mínimos para alguém monitorar essa máquina. Com certeza, eu estaria bem melhor financeiramente. É porque, sinceramente, é mesmo que eu acredito no que o mundo tem que ser assim. Eu acho que a gente tem que compartilhar as coisas, né? E eu acho que todo o conhecimento, ele é importante. Para mim, como pessoa, é uma diferença muito potente. Então, eu não posso desvincular o meu olhar para o mundo, como pessoa, do meu olhar para o meu empreendimento como se fosse desconectado, né? Então, a Kátia cidadã é a mesma Kátia empreendedora. Então, se eu não colocar os meus princípios de ser humano, de ser cidadã, dentro do meu negócio, ele vai ser mais que qualquer um negócio. Então, foi exatamente isso. Foram essas questões. De eu acreditar que mesmo que eu impacte um pedacinho, mas que eu impacte verdadeiramente. Com a humanidade, com uma cadeia transparente, dividindo cada passinho, aprendendo junto, compartilhando as cores. Então, por exemplo, as meninas aí, eu tenho fichas técnicas das minhas peças, mas, sempre que é possível, eu tenho algumas peças que são

construídas a partir de paletas. Eu disponibilizo e digo construam as suas próprias peças. E elas ficam felizes quando chegam nas feiras, aquela composição minha que o primeiro vendeu. E isso não tem preço. Isso não tem preço. Não tem dinheiro que pague. É você dar possibilidade para uma pessoa se sentir feliz só porque ela construiu uma paleta dela. E são essas coisas. Isso me faz feliz. Exatamente isso. Não tem outra razão, não.

[00:09:28] Entrevistador:
A gente tem outra pergunta aqui que fala sobre como o desenvolvimento sustentável é possibilitado a partir do processo produtivo dos materiais e das peças aqui dentro da comunidade. Como a senhora enxerga esse desenvolvimento a partir do trabalho de vocês?

[00:09:47] Kátia:
Então, como já falei antes, primeiro, é você fortalecer a floresta em pé quando o seringal é improdutivo, passa a ser produtivo, passa a trazer recursos para uma comunidade, isso é desenvolvimento sustentável. Isso é gerar renda para a comunidade, gerar renda do meu negócio e nesse trâmite aí fortalecer o nosso propósito. É isso que é. Fazer em modo sustentável, crescendo esse futuro. Através dessa possibilidade de fortalecer essa fala, esse propósito de manter a floresta em pé. E ser sustentável também está para além disso. Ser sustentável também além de gerar renda, além de fortalecer a floresta em pé, é sonhar com bem viver da coletividade também. Então, eu acho que é isso.

[00:10:58] Entrevistador:
Pensando na comunidade, porque agora já estou trabalhando com uma outra comunidade, pensando na comunidade anterior, com qual a senhora teve um envolvimento de tempo maior, quais foram as principais dificuldades e necessidades que a comunidade enfrentava antes da parceria que a senhora viu que poderia ser um potencial para a senhora ajudar, quando desenvolveu?

[00:11:20] Kátia:

Olha, quando eu cheguei aqui, eles passavam muitas dificuldades. Muitas dificuldades, porque o seu Manoel já estava velhinho, tem sete anos, agora já tem 79, 71, 72 anos. E é aquela coisa da subsistência, tirar o açaí e tal. Então, até terminar nossa parceria muito recentemente, os recursos que entravam nessa família, o que cabia a parceria Da Tribu era 80% do que entrava na família eram recursos possibilitados através da nossa parceria. Então, como eu falei para vocês antes, a gente vai com muita cautela. Depois de dois anos, a gente trabalhando, pensando, errando, acertando juntos, tirando coisas da casa, tirando coisas da mão, depois a gente conseguiu recursos para pôr em outras mulheres. Então, depois de dois anos que a gente estava aqui, que a gente entendeu que tinha realmente uma parceria, que nós começamos a registrar isso e contar isso nos materiais. E para a imprensa, para o jornal, a gente fez muito em matéria, esse ano a gente já saiu no jornal hoje, no jornal novo. Então, essa história não da minha marca em si, nessa história de jornal, nem a marca da gente aparece porque é merchan, mas a história da comunidade nessa parceria eu acho que é uma história que inspira. E a partir dessa minha experiência mesmo, como eu falei para vocês, fragilizou, porque o seu Manoel ter adoecido e as meninas também ter ficado com dificuldades, porque a Corina desistiu da liderança estava impedida de organizar.. Também me trouxe essa bagagem de saber o que é preciso ter paciência, mas ter coragem, entendeu? E a gente vai, gente, identificando no meio também, não tem quem não quer, porque também ninguém é obrigado, vai chamando, quer ou não quer, e dá uma forma de olhar também. Apesar de eu ter esse olhar mais socialista para o mundo, eu também sei que são os parceiros que eu posso trazer para mim, tem gente que só quer ganhar dinheiro, só quer ganhar dinheiro, troca, quanto é. E tem gente não, que se envolve, que se desenvolve. E essas pessoas são importantes para a gente trazer, para construir junto.

[00:13:52] Entrevistador:

E além dos benefícios de renda, teria alguns outros benefícios que o trabalho de vocês trouxe para eles?

[00:13:58] Kátia:
Eu acho que o mais bacana de todos é dar luz, dar protagonismo às mulheres. O fazer, o ser seringueiro era predominantemente masculino e trazer o fio, trazer os biomateriais de que está moda e a produção dos biomateriais, da artesania, dá protagonismo às mulheres. Não só dá mais visibilidade às mulheres, como elas ganham mais dinheiro do que eles ganham dinheiro que os seringueiros. Então acho que isso é uma coisa importante. E também ver as mulheres se olhando de uma outra forma, levando recursos para as casas, descobrindo... Também descobrindo que elas têm outros talentos, para além de lavar a roupa do marido, eu acho que isso é uma coisa...

[00:14:52] Entrevistador:
E também vocês trouxeram várias capacitações.

[00:14:55] Kátia:
Muitas capacitações. Vieram muitas capacitações de associativismo, de empoderamento feminino. Então, e também essa questão da cultura também. Temos muitas atividades culturais aqui com a comunidade, com as crianças, com os jovens, com os adolescentes. Então, sempre tudo que se podia trazer através dos editais, a gente trazia para a comunidade. Algumas trilhas importantíssimas aqui, para as pessoas conhecerem a gente e eles também conhecerem as pessoas. Então, acho que é isso. Eu... A Da Tribu sempre teve esse olhar, trazer para a comunidade. Então, acho que foi um aprendizado novo.

[00:15:36] Entrevistador:
E assim, como você falou, tem as suas motivações em se fazer essa forma de trabalho dentro da comunidade, trazendo essas pessoas. Quais são as maiores dificuldades dessa forma de relação? A senhora já falou um pouquinho, mas...

[00:15:53] Kátia:
Acho que é isso. Se relacionar com as pessoas não é fácil. Então, tem horas que a gente dá três passos à frente e depois a gente dá três atrás. E a gente lida com pessoas. A gente constrói com pessoas. Então, alguma decepção no meio do caminho. E também, por exemplo, a gente estava trabalhando há sete anos com essa comunidade. Então, durante esses sete anos, nem todo mês tinha produção. Então, esses pequenas vácuos, assim, também me desesperava. Na pandemia, a gente teve que fazer... A gente fez uma campanha, deu desconto nas redes sociais. Então, a gente criou um caixa para que eles não ficassem sem recurso. A gente tinha um bom estoque em São Paulo. A Tainah na época morava em São Paulo. Então, a gente pegou o nosso estoque, baixou 40%, e toda a venda foi bem para a comunidade, para que eles não ficassem sem dinheiro. Nem se desesperassem, nem tivessem que atravessar. Então, tem que ter um mante-los na comunidade, mandar algum alimento que a gente conseguia com parceiros. Então, é isso. Essa regularidade da produção também é uma fragilidade. Um negócio, um pequeno negócio como o nosso, ele também sente todos os bares de uma pandemia, de uma crise, de um mau governo. Então, isso é uma coisa que fragiliza bastante. E as fragilidades normais de relações. Acho que é uma coisa que fragiliza.

[00:17:37] Entrevistador:
Certo. A senhora já falou também um pouco, mas só para resumir, quais foram os principais aprendizados de se trabalhar dessa forma que a senhora pode tirar? Tanto das coisas que já aconteceram, como as fragilidades, até esse recomeço de relação e tudo mais. O que a senhora tirou de aprendizado que vai levar para o futuro da da tribu?

[00:18:00] Kátia:
Olha, eu acho que sim, que o primeiro aprendizado mesmo é a obstinação. Eu acho que quando a gente tem propósito, sonhos com propósito, um negócio com

propósito, é não desistir. É saber que todo negócio passa por ou fragilidades financeiras, ou fragilidades de relação, no nosso caso, de comunidade. Então, eu acho que é isso. O que eu aprendi é que a gente tem que continuar caminhando. Então, na Da Tribu somos duas, duas donas, duas sócias. E a gente vai meio que organizando assim, quando eu estou fragilizada, a Tainah diz mãe, vamos lá, vamos seguir, vamos seguir. Então, é muito importante essa força, mas é isso, o que eu aprendi é que quando a gente pensa que está muito difícil, aí acontece uma outra luz, é só você não desistir. Empreender no Brasil não é uma coisa muito fácil, na Amazônia é muito mais difícil. Não desista, que dá tudo certo.

[00:19:14] Entrevistador:
E a última pergunta, assim, quais são as aspirações, os planos futuros da Da Tribu em relação à comunidade, em relação a desenvolver de novo esse trabalho?
[00:19:16] Kátia:
Então, é a mesma coisa, a gente precisa fazer uma formação dos seringueiros, envolver, porque eu não consegui aqui nessa comunidade, o único seringueiro que trabalhou por sete anos foi o seu Manoel, não conseguiu envolver filho, vizinho, ninguém quer. Já lá, estou sentindo, já me disse que o Henrique, que é o filho, irmão da esposa dele, já está querendo fazer de novo, começar uma formação, uma formação dos seringueiros, depois fazer uma formação com as mulheres, não só na questão das habilidades de trazer biomaterial, mas uma outra coisa mais ampla, entender o empoderamento, de se entender, de entender qual é o seu papel político no mundo, como mulher, como... Eu acho que é isso.

[00:20:08] Entrevistador:
A importância dos recursos também.

[00:20:10] Kátia:

Exatamente, a gente precisa ajudá-lo também a manter o seringal limpo, como a gente muito explica, a gente, duas vezes por ano, mandava limpar. Então, ele precisa de ajuda. E essa ajuda não dá para vir sem recursos. E, assim, no futuro, eu penso em construir uma trilha também, como a gente fez, parece que tem desenho aqui, construir uma trilha lá para as pessoas irem conhecendo e também ter um outro caminho de levar recursos, e também se entender, e saber como foi importante ele preservar aquilo. Ele está 56 anos, ele podia ter derrubado tudo também. Não é dizer, não, eu vou preservar, porque vale a pena, porque é importante, é importante para o futuro, para a Amazônia. Enfim, ele tem esse entendimento. Então, é isso. São formações e essas conexões, todas as possibilidades que a gente tiver a partir da data nível, que acaba sendo ponte para a comunidade nesse sentido, e eles também ponte para a gente para os recursos e o material, a gente ir seguindo. Sem medo, entende? Sem ficar muito na expectativa. Mas eu estou muito feliz de estar reconectando, reconectando com essa comunidade. Me reconectando, mas se conectando com eles é a primeira vez. É isso.

[00:21:28] Entrevistador:
O professor também queria que a gente questionasse ou perguntasse a diferença, né, que é trabalhar com uma comunidade e agora estar trabalhando com outra comunidade. Como que a senhora sentiu esse... São pessoas, mas pessoas diferentes. Se tem, se as meninas são mais engajadas, querem, devido tudo que aconteceu, querem agarrar essa oportunidade.

[00:21:53] Kátia:
Pois é, é uma coisa legal. Por exemplo, aqui (na comunidade de pedra branca) eu tentei e foi mais demorado engajá-los. Lá na Flexeira, só estou com duas porque eu não tenho estrutura, já que eu não tenho uma estrutura infra de ateliê e dinheiro de um capital para que eu possa pagar, mesmo que eu não tenha uma venda. Mas tem mais mulheres interessadas lá efetivamente em trabalhar. A oportunidade que eu quero. Tem muito mais. Por exemplo, eu envolvi dez

mulheres aqui caro custou, de conversas, de estar prometendo coisas, entendeu? E lá não, sabe, eu tive a sorte de conhecer a Suelem, uma mulher muito empoderada, sempre atendente, que também ajuda financeiramente, companheiro, não tem dificuldade de apoiar, é uma pessoa muito inteligente. E aí tem a Rosie, eu fico, ah, tem mas quatro ou cinco moças, não é? Que ficam, dona Kátia quando tiver me chame, entendeu? E tem muita gente querendo vir, entendeu? Agora eu preciso aumentar o ateliê, eu preciso ter garantia de fluxo do B2B, de fluxo no varejo das minhas peças. E eu acredito que, como eu falei pra vocês, eu acho que o universo, ele, ele, quando a gente pensa que a gente levou uma pernada, ele tá conspirando pra um ambiente melhor, assim. A única dificuldade aqui, assim, é a questão do território, eu queria já morar lá, entendeu? Então eu tô um pouco distante geograficamente, mas estamos na mesma ilha, né? Mas eu queria estar pertinho também. Mesmo quando eu não tenho esse convívio, se eu tivesse isso, tomar um café, tirar um açaí, levar bolinhos pra eles, fazer um bolo, sabe? Essa convivência é mais difícil. Se bem que a Suelen também faz isso, né? Leva casco, leva planta, leva mamão, a gente fala essa conexão, entendeu? Mas, pra mim, assim, a única diferença hoje é morar um pouco mais distante, mas, sinceramente, eu vejo que aquela comunidade realmente tem mais interesse de ser oportunizada.

[00:00:00] Entrevistador:
E a senhora consegue ver esse futuro nessa comunidade?

[00:00:03] Kátia:
Eu vejo.

[00:00:03] Entrevistador:
Crescer mais?

[00:00:04] Kátia:
Eu vejo, eu vejo, eu vejo. Até a Tainah ficou bem nervosa, assim. Falou, mãe… e eu disse Tainah, tenha calma. Então, eu vejo que realmente a gente vai

caminhar, assim, sabe? E eu espero, sinceramente, que a gente cresça. Que a gente envolva mais pessoas lá. E a gente vai ainda estar lá. Tem o Joutuba, tem o Paquetá, que eu já identifiquei lá seringais, que a gente possa também atravessar e ouvir outras pessoas, fazer outras máquinas. Eu tenho que gravar, eles podem produtivo. Esse é o sonho, né? Agora, eu só quero trabalhar o suficiente porque eu também preciso viver, entendeu? Então, eu não quero... Não que eu tenha medo de crescer. Mas, se o trabalho, entendeu? Se ele não for também pra fazer bem viver pra mim e pras pessoas que estão comigo, eu acho que não vale a pena. Eu trabalho. Todo mundo trabalha e não é ninguém que fica se matando. Eu não quero ser a louca, sabe? Eu quero trabalhar. Eu quero conseguir abraçar as pessoas que eu puder, com as idades que eu puder. Mas sem essa viagem capitalista de acumular, acumular, acumular. Eu percebi isso.

[00:01:16] Entrevistador:
Então dona Kátia. Eu estava pensando numa outra questão aqui também que a senhora falou. Aqui, no caso, a primeira comunidade é mais familiar. Lá também é? Só uma família?

[00:01:30] Kátia:
Exatamente. Exatamente. Se não é aparente, é vizinho próximo. Que tem, por exemplo, a Suelen com a Rose. A Suelen vendeu o fundo do quintal para Rose. Elas são aquelas amigas que tomam café na terra da outra. Se tem uma viagem, aí a amiga fica responsável pelo filho, leva a cava, essa coisa. Eu já tô muitos anos junto. Mas, na verdade, ali é a família do Seu Manuel Queiroz . Hoje eu moro já lá. Então, todo mundo ali é primo, um parente, sabe? Eles vieram há 56 anos pra cá e ocuparam ali. Alguns que voltaram, já atravessaram. Outros vão e voltam, por exemplo. Esse fluxo, sabe? Mas esse também é um território de família. Aí vai chegando os agregados, né?

[00:02:16] Entrevistador:

Uma questão mais geral. Como a senhora tava comentando com a gente no almoço. O que a senhora vê que dificulta esse... Falando da ilha, da comunidade em geral. Não só daqueles que trabalham com a senhora. De crescer, né? O que impede essa comunidade de abraçar o coletivo? De se entender? Essa identificação ali. De ser uma ilha com esses recursos. O que impede esse crescimento comunitário?

[00:02:46] Kátia:
Eu acho que é, na verdade... Fake news, entendeu? Eu acho que é informação errada, entendeu? E também assim, uma coisa que... Por isso que a gente tem muito cuidado quando a gente chega. Essas pessoas, esses ribeiros. Eles foram um cem número de vezes enganados. Entendeu? Muitas vezes já apareceram muitas pessoas aqui. Políticos, gente que diz que é do INSS, que vai aposentar. Pega o dinheiro da sua amiga, leva e não vai. Então tem uma desconfiança. Aí todo mundo diz, ah, o caboclo é desconfiado. Eles são enganados muitas vezes. Entende? Então, é por isso que é demorado você criar um vínculo de confiança, de afeto. Porque já é histórico. Já está quase entranhado, entendeu? É ancestral. As pessoas são enganadas. Não tem nenhum escrúpulo do cara que vem da cidade, do continente. Então acho que essa é uma dificuldade. E também, assim... Eles têm um tempo mesmo, entende? Tem coisas que... Mais do que o suficiente. Não quero mais isso, sabe? Dá cansaço, entendeu? Tudo que é coletivo é absurdo. Depois que está pronto.... Acho que é uma coisa mesmo, assim... Lutar num condomínio, quatro, cinco pessoas estão ali na frente. O resto só aproveita o rolê, né? Tu és de um sindicato, de professores, não sei o quê. Sempre tem lideranças. Aí o cara fez a greve, fez o piquete. Aí toda a classe é beneficiada. E é mais ou menos isso, essa relação. Tem pessoas que nascem comprometidas com o coletivo. Tem gente que não tem, assim... É preciso ser trabalhado. Que nem ser empreendedor. Ter espírito coletivo é uma coisa que precisa ser trabalhada. Eu não nasci empreendedora. Eu aprendo. Igual a vida, né? Eu sempre falo. A vida, minha querida, é no gerúndio. É vivendo, aprendendo, errando e acertando. Nunca está pronto, né? Nunca é vivo,

sei. Não. É isso, então. O espírito coletivo é uma coisa construída. E é sementinha? Entendeu? Então, a gente faz a nossa parte. O vizinho ali, que tem a vaquinha dele faz. A mãe de santo ali que faz. A gente vai fazendo e as pessoas vão, naturalmente, se integrando. Mas, assim... É lento.

[00:05:12] Entrevistador:
Sra, acredita que se tivesse uma liderança emergindo ali, da própria comunidade, seria mais... Seria um avanço mais rápido?

[00:05:20] Kátia:
Nossa, assim... Foi uma tristeza, assim, quando a Corina desistiu. Ela estava pronta para ter liderança. Pronta e usei para ser candidata a vereadora. A gente estava articulando aqui. Estava mesmo sem... um sonho dela se elegir. Mas aí construímos isso, sabe? Isso era muito importante. Porque, como eu falava para eles... Ah, dona Cátia... Quando teve a eleição do conselho, né? Dona Cátia, não posso. Eu não posso. Eu não posso contar a história de uma comunidade. Eu não pertenço aqui. Quer dizer, eu pertenço porque eu moro. Mas eu não posso representar uma comunidade que nasceu aqui, que tem uma tradição seringueira, ribeira, preta, né? Eu dizia, olha, quando você é conselheira, você é legal. Gente, eu não posso. O que eu posso é dar pontes, ajudá-las a se... Quem quiser estar disponível, se preparar para representar a todos nós, inclusive a mim. Entende? Então, tem uma certa… É um início, sabe? Mais ou menos isso.

[00:06:27] Entrevistador:
Nesse caminho de se tornar um pouco mais formalizado, né? Um pouco mais unido.
[00:06:32] Kátia:
É, e tem um pouco de timidez também. Acha que não tem competência, sabe? Uma coisa com autoestima também, tá ligado? Então, é um trabalho de formiguinha, querida. De anos. Não é assim, pá, chegou, sabe? Então, é cansativo, mas não dá para desistir. Mais ou menos isso. Esses são grandes

desafios.

[00:06:50] Entrevistador:
Entendi. É isso, dona Kátia. Obrigada. A gente veio mesmo para entender toda essa questão, professor, tá falando? Porque a gente estava pensando muito no futuro. Ai, meu Deus, como é que a tribo vai se tornar isso? Professor, gente, vocês têm que entender como que aconteceu, como foi que elas construíram até aqui, como é que se deu, porque isso foi um jeito novo que a tribo trouxe, né? Para uma relação de trabalho. Então, vão lá e vejam como é que foi. Está sendo muito legal, uma experiência muito gratificante, né?

[00:07:26] Kátia:
Com certeza. Com certeza. É viva, né? Uma coisa que está em construção, né? Está estático, né? Está aí. Parece que acabou, mas está começando. Está começando. É isso. É a tese, a catarse, você vai, acontece a catarse, você começa de novo. isso, entende? É só não cansar, é só ir de novo, né? O que sobrou de ter tido o seu gesto, do seu sonho, de ir e vai.

[00:07:57] Entrevistador:
É muito fácil se frustrar com essas coisas. Principalmente dependendo de outras pessoas.

[00:08:03] Kátia:
Não, e também se você levar para o pessoal. Não é sobre você. É. É muito arrogante. Ah, é sobre mim, não é. É sobre a pessoa, é sobre a posição dela no mundo, é sobre como ela enxerga o mundo. Não é. Ah, porque é preguiçoso, porque não é isso. São outras coisas. Claro que às vezes a gente julga, a gente está pronto, não importa, não está caramba, ninguém faz porra nenhuma. Pô, a gente acabou, a gente estava num projeto aí. Que era um… Esqueci agora o nome, acho que é o Teresa, que era... Era um projeto financiado pela Rivos. Eles identificaram aqui a nossa comunidade como uma comunidade urbana que

tinha um dinheiro, está caramba, para investir no que a gente quisesse. E o primeiro passo era fazer o autorrecenciamento. Uma coisa IBGE própria nossa. Por quê? Porque nós queríamos a nossa fotografia, quantos somos, quantas mulheres, quantos homens e tal. E a partir desse documento, nós íamos explicar as nossas potências, o nosso desafio, e eles iam nos ajudar. Precisamos de uma formação tal, precisamos criar uma associação, precisamos de recursos, precisamos de uma biblioteca comunitária, seriam recursos por dois anos. Eu chamava para reunião e ninguém vinha. Eram duas, três pessoas.

[00:09:40] Entrevistador:
Eram reuniões da comunidade que estava no negócio ou de todas as comunidades?
[00:09:40] Kátia:
Não. Da comunidade toda. Das quatro, Pedra Branca até a Fazendinha. Quatro, cinco pessoas. Ah, não posso. Não sei por quê [...] Fizemos uma faixa no começo de um ramal aí, reunião e tal, pra tratar de projetos para a comunidade, sorteios e distribuição de seus trabalhos. Eu reuni 50 pessoas. 50 pessoas. Precisamos de um agente cultural, que é muita coisa para criar a importância da história, precisávamos de quatro ou cinco jovens para fazer esse censo, sair de casa em casa, com uma pesquisa. Consegui, depois de muita luta, todo mundo me ajudou. Até me enfiei, para ver se eu dava uma… Aí, eu também vou. Aí, no dia seguinte, fizemos a formação. Primeiro, nós construímos o questionário. Porque uma coisa é o questionário do IBGE, o que o IBGE quer saber, é uma coisa que a gente quer saber especificamente. Então, questionário social, questionário econômico. Ficou maravilhoso. Questionário e tal. As meninas tinham um aplicativo que você trabalhava lá. Você estava lá, ia lá baixar, depois você trabalhava lá de casa. Foi incrível. Isso foi em fevereiro. Em maio tinham 14 questionários. Seis, eu fiz. E quatro, meu amigo médico, que me ajudou. E quatro, a comunidade toda. E aí, eu peguei, eu liguei para a coordenação, que eram duas ONGs, uma de Belém e outra de Recife, falei estou saindo do projeto. A minha função é ser assistencialista. Eu não posso carregar uma comunidade

nas costas.. Eu não sou responsável. Então, todas as benfeitorias eram para a comunidade. A comunidade não se interessa. Eu não posso ficar ligando, ou fazendo, porque, na verdade, eu me candidatei até para até pra ver se incentivava. Todo jovem, sabe? Todos os jovens, garotos e jovens, que estudam uma hora, aquele setor que faz com o teu vizinho. Hoje, sete horas, ó eu venho aqui amanhã. Poxa, em uma comunidade que não tem tanta gente, tem mais de duzentas, ou duzentas e poucas casas. E aí, eu peguei, e eu desisti. Com muita pena. A comunidade perdeu. Mas não dá, também, para você se colocar como a mãe de tudo e a assistencialista. Esse tipo de política não funciona. Em lugar nenhum no mundo. Então, perderam. Nós perdemos todos. Porque aqui já era para ter… Olha, foi a nossa comunidade e a comunidade da terra firme. Vocês precisam ver como é que está a comunidade da terra firme. Eles fizeram a cobertura, que é muito maior que a comunidade lá, no pequeno território da terra firme. Eu sei lá, tem mil casas. Fizeram uma estante. Já viajaram para vários eventos do país. Já entrou recurso para várias formações. Já construíram a biblioteca comunitária. Não é uma pessoa.

[00:12:41] Entrevistador:
A senhora acredita que seja falta de interesse, estímulo educacional?

[00:12:47] Kátia:
Aqui, nesse pedaço que eu moro, tem três pessoas que têm o ensino médio. É isso. Olha, as crianças, meninos, adolescentes, que terminam o ensino médio, eles ficam o dia todo aqui e têm muita droga. Muita. Muita. E não é canábis, não. É pasta. Os meninos, três, quatorze anos, já usam pasta. E acontece, é o futuro do mundo. Para lá, para cá, tem uma pasta aqui, vai ali, joga uma bola, dorme a metade toda. É isso. O que a gente tentou já, envolver as crianças, os adolescentes, na percussão, nas construções. O meu amigo lá tem um projeto, rede de leituras, ele tem um deck, e disponibiliza os livros por rede, você vai lá deitar. A comunidade, acho que é um pouco de preconceito, da comunidade com a gente. Os vários amigos aqui, o médico, da UFA, o Carlos Braga, são

todos gays. Então, esse preconceito, ah, é gay, é isso, tem tudo isso. É uma coisa que já está quase engessada. Então, é uma coisa que tem que trabalhar devagarinho, com os mais jovens, com tudo, entendeu? São muitas, muitas camadas.

[00:14:12] Entrevistador:
É, muitas camadas. Uma estrutura bem difícil de... É, exatamente. Se desconstruir. Se desconstruir. Exatamente.

[00:14:20] Kátia:
Tem a questão mesmo da religião mesmo. A religião é muito pragmática. Então, é pecado, é certo, é errado. Fecha a cabeça. E aí, sim, tu coloca a culpa, né? Ah, isso, isso. É difícil de trabalhar essa coisa do amor por Deus e a culpa, né? É uma coisa muito mal trabalhada, né? Então, eu acho que também por isso. São muitas coisas, assim. Porque aí a gente chega, né, numa comunidade.
Entrevistador:
Ai, eu queria tanto construir isso, desenvolver isso, mas às vezes a gente precisa desconstruir uma coisa que já está ali.

[00:14:56] Kátia:
Então, assim, eu, hoje, hoje, eu contribuo mais lá na Pedra Branca do que aqui. Eu me sinto mais bem recebida lá aqui. Por quê? Porque na Pedra Branca tem muito Cotijubano.. Estão muito povoadas as pessoas que vieram do continente. Aqui é Seringal. Seringal. Seringal é essa. É Pedra Branca, Seringal.

[00:15:23] Entrevistador:
As meninas são da?

[00:15:25] Kátia:

Da Fleixeira.

[00:15:26] Entrevistador:
Fleixeira, né?

[00:15:27] Kátia:
Então, lá na Pedra Branca, ali na ponta, naquele primeiro atalho lá, as pessoas, como chegando, ficam muito sobre aquele bairro. Então, tem músico, tem pessoa, tem arquiteto visual, tem acreditação. É uma galera que já vem com a sua bagagem, entendeu? De mundo e tal. Então, quando eu vou para lá, eu tenho realmente com quem conversar. Então, tudo que eles convidam. Então, agora eu estou lá no Piracema há três anos, né? Ordeno um artesanato, trabalho na produção, na divulgação. Então, as pessoas estão disponíveis. Olha, todos os músicos vêm sem cachê. A gente vai hospedar, eu vou hospedar aqui, vou mandar comida, vou botar café da manhã. E lá vamos fazer um festival de três dias, entendeu? Você põe de sua barraca, a prefeitura manda não sei o quê, a cooperativa do Combu vai trazer gente, fora assim pra cá, pra galera dos músicos. Então, todo mundo contribui. Tem uma outra visão de coletivo. Eu dou um fio e a gente compõe.

[00:16:29] Entrevistador:
É engraçado que isso vem de pessoas que não são daqui, né? Originalmente. E é engraçado, né? Como não parte de quem já é daqui.

[00:16:40] Kátia:
Olha, agora em julho, outro gerente aí, outra gerente, a gerente é do PSOL, da Cultura Afro, da Capoeira, e ele é da pessoa do PSOL. Deu três aulas aqui, três. Sabe quem apareceu? Os turistas que estavam hospedados aqui e os turistas que estavam lá. A gente fez boca de ferro, convidou. Não sei lá, sabe? Apareceu uma adolescente, uma criança. Eu acho que são pais que não deixam. Porque, por exemplo, ficar perto de alguém que é cabeludão, com vários piercings Então

é isso. A gente fica um pouco triste. A gente fica com medo. Não é sobre você, é sobre a cabeça dele. Entende? Mas eu sei, eu já chorei muito.

[00:17:38] Entrevistador:
Complexo, né? A senhora já está calejada. Exatamente.

[00:17:42] Kátia:
E com essas coisas, a gente tem que ser indiferente também. Porque está tudo bem. Mesmo que não esteja. também, apesar de tu entender, tu não podes fragilizar na frente das pessoas. Eu acho tudo bem. Mas eu tento ter um olhar mais no próprio olho sobre as coisas. Porque se for achar que é comigo, que é... Não é comigo. É como eles veem o mundo.

[00:18:08] Entrevistador:
Culturalmente, né?

[00:18:12] Kátia:
Então, uma hora as coisas... A relação quando eu morava lá, eu vinha pra cá, era ainda pra cá e pra lá. Depois que eu vim morar pra cá, a gente estava trabalhando juntas, o seu Manoel adoeceu, e a Corina desistiu, é que eu senti mais resistência. Me acham estranha porque eu estou sozinha, me cobravam muito, dona Kátia, mas por que a senhora está sozinha, a senhora tem que arrumar um varão. Pra me proteger?

[00:18:44] Entrevistador:
Nossa!

[00:18:45] Kátia:
Depois que eu entendi que era um varão da Bíblia, pensei que fosse uma outra coisa, se varão era isso. Não, não, é dá Bíblia. É um… Eu falei assim, não, não, não preciso de varão. Eu sou bem, bem, tá bem, né? [...] Então eu causo uma

certa estranheza, uma mulher sozinha, independente, que vai de madrugada pegar isso, que vai ali, que vai lá.

[00:19:17] Entrevistador:
Estranheza, né?

[00:19:18] Kátia:
É, que me senta pra tomar uma cerveja quando eu quero, que recebo meus amigos, tem uma estranheza, porque aqui as mulheres são subservientes, elas são respeitadas, não só na comunidade, como dentro da igreja, se elas forem casadas. Outro dia a dona Perpétua tava me contando, me deu uma dó assim, ela falou, dona Kátia, eu passei anos que o pastor me mandava sentar no último banco. Eu disse, por quê? Porque na igreja só as mulheres casadas oficialmente que sentam no banco da frente. Então ela pressionou o seu Manoel, pro seu Manoel casar, oficialmente, porque ela se sentia alijada do rolê, entendeu? Então na igreja, ela até sabia, ela ia sentar lá pra trás.

[00:19:58] Entrevistador:
E eles moravam juntos, já eram casados.

[00:19:59] Kátia:
Era, a vida toda. Só que eles não tinham formalizado diante dele, diante do seu filho. Ele não queria casar, não queria casar, mas ela dizia eu preciso ser respeitada na minha igreja. Então hoje ela senta nos primeiros bancos, mas a vida toda ela sentou no banco de trás porque ela, tipo, pra eles ela era amante do marido dela, entendeu? Então é esse nível o negócio. É, não é fácil, entendeu? Eles não são pessoas más. Eles são muito carinhosos comigo. Mas é a formação que a gente tá julgando. A gente tá julgando. Ah, fulano ali é maconha. Gente, por que tem dois fulano ali? Fulano aqui não sei o que. Fulano...
[00:20:25] Entrevistador:

Deixa de aproveitar oportunidades por questões de preconceito.

[00:20:45] Kátia:
Porque não conhece, não conhece. Olha o professor Carlos Braga, professor da UFPA, de arte visual. Falei, tem um monte de propostas lindas de aula de desenho para as crianças. Mas a gente, eu falo, sabe que a gente chama ninguém vem, entendeu? Ninguém vem. Ah, eu vou lá, eu esqueci. Sabe, não tem um compromisso consigo mesmo, sabe? Eu vou aprender com, sei lá, cara, nem fazer um ponto de crochê. Então é isso. Esse é um grande desafio. Eu sinto que lá na flecheira parece que já tem uma outra consciência, sabe? Eu estou bem animada. Mas também sei que decepções haverão. Haverão, né? É assim mesmo.
[00:20:50] Entrevistador: Estou preparada, né?

[00:21:28] Kátia: É, com certeza.

[00:21:29] Entrevistador: Obrigada dona Kátia. Eu vou chamar as meninas para conversar.
[00:21:34] Eu que agradeço. Fica aí que eu vou chamar elas.